
*Por um acesso fecundo ao arquivo**

Verli Fátima Petri da Silveira¹

O presente artigo tem como objetivo principal propor uma reflexão sobre as formas de tratamento que os pesquisadores da área de Letras dão ao *corpus* e às fontes de pesquisa, em seus trabalhos acadêmicos. Desde o princípio é preciso explicitar que acreditamos que as formas de tratamento evidenciam as particularidades de cada trabalho, pois o *corpus* e as fontes não têm de ser necessariamente originais, porque a tão sonhada originalidade está no tratamento que o objeto de estudo recebe.

As pesquisas na área de Letras, atualmente, apresentam uma salutar diversidade tanto na área temática quanto na área teórica, o que possibilita que o pesquisador circule no interior das Letras, que o pesquisador construa seu objeto de estudo e reúna suas fontes de modo menos preconceituoso. Assim, nos deparamos, cada vez mais, com trabalhos que estabelecem fecundas relações entre diferentes áreas do interior das Letras, sendo que uma das ocorrências mais frequentes se dá entre a Linguística e a Literatura. É no estabelecimento de relações entre diferentes áreas que se enriquecem as discussões teóricas e metodológicas, não só no interior das Letras como também na relação que se estabelece entre as Letras e as outras Ciências de Formação Social, como é o caso da Filosofia e da Sociologia, por exemplo.

A pesquisa que estou desenvolvendo atualmente revela o quão produtivo pode ser um trabalho que tem como princípio o movimento do pesquisador no interior das Letras e das Ciências de Formação Social. O objeto de estudo de minha tese de doutorado é o gaúcho, sua constituição enquanto sujeito que tem uma fundação mitológica na formação imaginária de todo um grupo social; quero investigar como ele fala e como ele é falado; o que se reitera e o que se transforma no discurso sobre o gaúcho. O *corpus* de análise é o discurso narrativo literário de cunho regionalista produzido no século XX, sobretudo a obra de João Simões

Lopes Neto e de Cyro Martins. O *corpus* de análise é o discurso literário, mas minha filiação teórica está calcada nos princípios da Análise do Discurso, fundada por Michel Pêcheux. Assim, sou uma analista de discurso em constante formação, que analisa o discurso literário de forma não-linear, construindo uma tese sob a constante necessidade de consultar fontes que extrapolam o domínio da Lingüística, da Literatura, das Letras.

A problemática das fontes na constituição do trabalho acadêmico em Estudos da Linguagem, suas formas de seleção, leitura e aproveitamento, constitui ainda um tema polêmico, já que a formação acadêmica tradicional nos conduz a pensar que os conhecimentos devem ser armazenados em compartimentos separados e que o entrecruzamento desses conhecimentos apresenta riscos para a qualidade do trabalho de pesquisa. Por isso, é importante salientar que o estabelecimento de relações entre diferentes áreas do conhecimento não se dá de forma aleatória ou de *qualquer maneira*, pois o pesquisador prima sempre pela qualidade do seu trabalho, estando inscrito numa área restrita ou numa área mais abrangente.

A posição que aqui assumo é a de alguém que transita (ou que pelo menos tenta transitar) no meio das Letras e das Ciências de Formação Social, acreditando que as disciplinas que constituem esse meio não podem estar separadas *em gavetinhas*, nem fechadas sobre si mesmas, podendo constituir juntas um *arquivo*, com suas lacunas e com suas saturações. Em consonância com minha filiação teórica prefiro mobilizar também, a partir daqui, a noção de arquivo, entendida, num sentido amplo, por Pêcheux como o “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (1994: 57), ou seja, o arquivo já é o resultado de uma seleção prévia das fontes.

A abrangência da leitura sobre o arquivo vai depender do tempo que o pesquisador dispõe e dos objetivos que ele pretende alcançar. Não é a quantidade de fontes consultadas que vai qualificar ou desqualificar o trabalho acadêmico, mas sim o tratamento que estas fontes recebem. Eu acredito, como Foucault (1995: 53-54), que, para delimitar e analisar um objeto importa observar as relações que se estabelecem entre as superfícies em que ele pode aparecer, sendo menos importante determinarmos a sua constância e os domínios que devem formar. Afinal, um tema pode emergir aqui ou ali, pode ser caracterizado dessa ou daquela forma, mas é nas relações que se estabelecem entre esses lugares, entre diferentes discursos, que vão surgindo os sentidos. Embora saibamos que “o arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade (FOUCAULT, 1995: 150)” é preciso enfrentá-lo em suas especificidades para que o nosso trabalho de pesquisa não se reduza a um emaranhado de repetições circulares sem cor e sem brilho próprio. A leitura do arquivo deve ser antes de tudo um ato político no interior de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos.

1. Vão surgindo as fontes...

Em geral, a construção do arquivo não é a primeira coisa que nos inquieta na elaboração de um projeto de pesquisa, por exemplo, porque nosso primeiro passo é o de tentar responder às questões do tipo: O quê? Aonde? Como? Por quê? Feito isso, pronto. Vamos adiante, pois já nos sentimos em condições de realizar o trabalho. Quando o projeto da pesquisa está no papel, nos sentimos muito confiantes e nos tornamos aptos a um primeiro mergulho no emaranhado de obras e documentos que existem sobre o assunto. Esse mergulho experimental nos leva, na maioria dos casos, a concluir² pelo menos duas coisas:

- 1) a gente não foi a primeira pessoa a pensar no assunto e a questão que nos inquieta não é exclusividade da nossa área de atuação. Aliás, muita gente já escreveu sobre isso sob os mais diversos enfoques. Enfim, o que nos parecia genialmente novo e bem delimitado, é da ordem do repetível, está no discurso;

- 2) a gente não tem possibilidade de recorrer às fontes infinitamente até chegar a uma pretensa origem, bem como não é possível recobrir as fontes em sua extensão nem exauri-las completamente.

Desfeitas nossas primeiras ilusões, percebemos que o que individualiza uma pesquisa não é a novidade da escolha do tema nem a abrangência que conseguimos alcançar em termos de *corpus* e de fontes. O grande diferencial que um trabalho acadêmico pode produzir é a forma como cada pesquisador trata o *corpus* de análise e as fontes de pesquisa. Esse tratamento que é dado ao *corpus* e às fontes depende muito de como o pesquisador concebe o mundo e da linha teórica que norteia a pesquisa.

Quando tratamos do discurso, precisamos levar em conta algumas premissas, tais como: a importância da delimitação do espaço discursivo; o recorte teórico e metodológico; a descontinuidade, a não-linearidade, a incompletude, a opacidade e a multiplicidade de sentidos, que caracterizam o *corpus* e o arquivo; a multidisciplinaridade como possibilidade de acesso ao arquivo da pesquisa. Sem dúvida, o funcionamento dessas premissas nos coloca em posição de desconforto, mas revela o modo de funcionamento do complexo processo de constituição dos sentidos, um processo que interceptamos com nossos movimentos de análise do discurso. Cada trabalho produz um avanço na teoria, por menor que seja, e, por isso, está representando mais um “gesto de leitura” sobre um *corpus* e sobre um arquivo específico. Isso garante a diversificação das práticas de leitura sobre um determinado arquivo. Esse gesto é individual e deve promover um encontro “entre uma memória e uma atualidade” (PÊCHEUX, 1997), produzindo sentidos outros no interior do mesmo.

A consulta às fontes, e depois ao arquivo, nos toma bastante tempo, e nos deparamos com um longo caminho pela frente, leituras e mais leituras na busca de embasamento, de algo que nos dê segurança, uma segurança que não é exclusivamente teórica ou metodológica, trata-se de um algo a mais que seja capaz de sustentar (ou desmontar) as hipóteses iniciais. Na verdade, ao delimitarmos o espaço de nosso arquivo, nos apropriamos de *gestos de leituras subjacentes* ao arquivo que lemos pela primeira vez, porque estes gestos estão lá, constituindo o já-dito; assim, nos apropriamos do documento/monumento (enquanto unidade de análise) e produzimos o *gesto de leitura* particular que já é um *gesto de interpretação*, que desenvolvemos na escritura de nosso trabalho. Para percorrermos os labirintos de um arquivo é imprescindível que estejamos preparados para compreender que estamos constituindo um processo, e que a singularidade de nosso trabalho está na *interceptação* que realizamos no interior desse processo. Em AD, a construção do trabalho se dá num *movimento pendular*, no qual o pesquisador está sempre indo e vindo da teoria para o *corpus*, do *corpus* para o arquivo, do arquivo para a teoria, e assim sucessivamente, até construir um dispositivo teórico e analítico satisfatório.

O contato com o arquivo deve nos tornar suscetíveis às mudanças que ele pode produzir, para que o já-dito não se reduza a um acumulado indefinido “de massa amorfa” (FOUCAULT, 1995, p. 149), para que não nos deixemos seduzir pelos efeitos de sentidos evidentes. Precisamos estar prontos a receber discursos diferentes advindos de outros lugares que não os esperados, pois Pêcheux já nos advertia, em seu artigo “Ler o arquivo hoje”, que “uma pesquisa multidisciplinar é indispensável para um acesso realmente fecundo” (1994: 55).

2. A constituição do arquivo em Estudos da Linguagem

O ponto culminante da reflexão que proponho gira em torno dessa questão: como produzir um acesso fecundo ao arquivo em Estudos da Linguagem? É isso que queremos, que buscamos, mas isso suscita algumas concessões de nossa parte. Sem dúvida, a advertência de Pêcheux é uma possibilidade de resposta para nossa questão, mas isso não simplifica as coisas.

Se observarmos todo nosso processo de formação acadêmica, nos deparamos, em geral, com uma formação ainda positivista e exitamos muito em nos aventurar por novas trilhas, porque é mais fácil e mais rápido nos determos no que está pré-estabelecido como fonte e em metodologias que já foram aplicadas. Buscando, assim, o simples e o confortável, corre-se o risco de se perder a oportunidade de ver o espetáculo da revelação do complexo. No cuidado em se analisar produtos, fica de lado a possibilidade de se compreender os processos.

Na maioria das vezes, respondemos positivamente às questões que nos apresentam, mas ao adentrarmos o emaranhado das fontes de pesquisa em Estudos da Linguagem, torna-se difícil nos concentrarmos numa única área como a Linguística ou a Literatura, por exemplo, sob o risco de cairmos no reducionismo. Diante dessa dificuldade, a pesquisa reage, aos poucos vai se modificando o quadro e cada vez mais pesquisadores estão ampliando suas fontes como forma de responder melhor às questões postas pelo *corpus* em análise.

Sendo assim, a multidisciplinaridade, proposta por Pêcheux, apresenta-se como algo viável, como algo que pode satisfazer às necessidades de uma pesquisa que se realiza em Estudos da Linguagem, mas que opta pelo movimento que vai do interior para o exterior das Letras e das Ciências de Formação Social, em prol da qualidade do trabalho. O analista assume uma posição privilegiada, ele se posiciona num “observatório” (MILNER, 1978; 1989) de linguagem, onde o *corpus* de análise suscita movimentos que, às vezes, extrapolam as fronteiras do lugar no qual estava inscrito prioritariamente.

A pesquisa que realizo atualmente não concebe Língua e Literatura em separado, aceitando a interpenetração das duas como imprescindível para a existência e o funcionamento de ambas. Quando trabalho com o discurso narrativo literário gauchesco, estou recortando uma materialidade que é muito mais do que lingüística e literária: trata-se de uma materialidade discursiva. Estou buscando observar nesse discurso a constituição do gaúcho, partindo de uma noção de sujeito dotado de inconsciente e atravessado pela ideologia, instituído como herói no imaginário de todo um grupo social. Ao adotar essa perspectiva de análise, torna-se imprescindível olhar para dentro e para fora das Letras.

Ser analista de discurso, desde o princípio, já implica trabalhar no espaço de articulação entre diferentes áreas do conhecimento:

o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos,

sendo todas as três atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (PÊCHEUX; FUCHS, 1993: 163-164). Além disso, admitimos a interdependência entre o lingüístico e o literário, onde a questão discursiva é o que nos interessa. Importa dizer, então, que não adotamos nenhuma teoria literária, mas precisamos circunscrever o objeto de análise, precisamos ir até onde ele se constitui, fazer um reconhecimento de suas condições de produção.

Além do movimento interno nas Letras, a especificidade do *corpus* de análise exige a nossa entrada em outras áreas do conhecimento de onde emerge o arquivo do trabalho sobre o gaúcho, dentre elas importa destacar: a História, que revela os elementos históricos e as condições de produção do discurso em análise; a Antropologia, que fornece subsídios para a compreensão da constituição de toda a representação imaginária e mitológica do gaúcho; a Sociologia, que recupera os elementos essenciais que fundaram a constituição de todo um

grupo social em torno da figura do gaúcho; a Filosofia, que nos faz refletir sobre os elementos subjacentes à constituição do gaúcho, sobretudo, a questão ideológica; a Geografia Humana, que reconstitui os movimentos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização do gaúcho que influenciam na constituição identitária desse sujeito. Assim, configura-se o movimento do pesquisador que sente a necessidade de ir “beber água em outras fontes”. Estas outras fontes, como já era de se esperar, não se apresentam de forma cristalina e nem sempre saciam a sede, mas estão indicando algumas direções para o desenvolvimento da tese sobre o gaúcho, que terá sua culminância com a mobilização das noções da Análise do Discurso de Escola Francesa sobre o *corpus*.

Para concluir, é preciso salientar a importância de se repensar sempre a posição que o pesquisador assume diante do *corpus* de análise, das fontes e do seu arquivo de pesquisa, o que propicia um movimento constante de desconstrução/construção de conceitos que precisam ser revistos na área de Estudos da Linguagem e nas outras áreas do conhecimento. Importa dizer, acima de tudo, que um Seminário como esse se constitui como um espaço possível de funcionamento da heterogeneidade, onde o diferente pode emergir no interior do mesmo, onde podem constituir-se sentidos outros que não os esperados, onde a exterioridade e a historicidade são levadas em consideração.

Notas

* Trabalho apresentado em mesa-redonda no “Corpus III, Seminário Nacional”, promovido pela Pós-Graduação em Letras da UFSM/RS, em junho de 2002.

¹ Doutoranda em Letras – UFRGS/RS, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Freda Indursky.

² Alguns chegam a essas conclusões logo no início, outros precisam de uma sinalização do orientador, mas o fato é que, mais cedo ou mais tarde, isso acontece.

Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MILNER, Jean-Claude. **L'amour de la langue**. Paris: Éditions de Seuil, 1978.
- _____. **Introduction à une science du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. ORLANDI, Eni pulcinelli. (Org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. p. 55-64.
- _____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- _____; FUCHS, Catherine. (1993) A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas (1975). GADET, François; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP., 1993. p. 163-252.